

## “ME ESCUTE O SENHOR” OU “ESCUTE-ME O SENHOR”: SOBRE OS PADRÕES DE COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS EM CONTEXTOS V1 NA ESCRITA NORTE-RIO-GRANDENSE

Willame Santos de SALES

(Bolsista de Iniciação Científica/Departamento de Letras/UFRN)

Marco Antonio MARTINS

(Departamento de Letras/Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem/UFRN)

**RESUMO:** nesse texto, descrevemos e analisamos os padrões de colocação de pronomes clíticos em dez peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no Rio Grande do Norte, nos séculos 19 e 20. Os contextos observados dizem respeito às orações finitas não-dependentes em que o verbo (i) ocupa primeira posição absoluta (contextos V1) ou (ii) é antecedido por um constituinte X (contextos XV). Os dados extraídos dos textos foram submetidos aos programas do pacote estatístico GOLDVARB2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001) e os resultados revelam padrões empíricos bastante diversificados: em contraste aos textos de autores nascidos no século 19, nos textos dos autores nascidos no século 20, (i) há construções com próclise a V1 em orações em que o verbo ocupa a primeira posição absoluta; e (ii) construções com ênclise em orações finitas não dependentes com o verbo precedido por um sujeito, um advérbio ou um sintagma preposicional.

**PALAVRAS-CHAVES:** Pronomes clíticos. Contextos V1. Próclise. Português Brasileiro

### 1. Introdução

Áreas do saber tais como a sociolinguística variacionista, a linguística histórica ou a sintaxe diacrônica têm desenvolvido, no Brasil, inúmeros trabalhos com o objetivo de constituir *corpora* variados para o estudo de aspectos linguísticos, sociais e históricos do processo de formação do Português Brasileiro (CASTILHO, 1998; MATTOS E SILVA, 2001). Nesse contexto, no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), criou-se o projeto de pesquisa *História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte* (PHPB-RN), que se insere nesse empreendimento nacional de busca, seleção e análise de textos com vistas na viabilização do estudo da história do português escrito no Brasil.

Os resultados do trabalho de pesquisa aqui apresentado refletem esforços empreendidos no mencionado projeto. Nele, apresentamos uma descrição e análise dos padrões empíricos de colocação de pronomes clíticos em dez peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no estado do Rio Grande do Norte (RN), no curso dos séculos 19 e 20, sendo cinco delas escritas por autores do século 19 e outras cinco escritas por autores nascidos no século 20. Consideramos, na recolha e análise dos dados, dois contextos sintáticos específicos: (i) orações finitas não dependentes, principais e primeiras coordenadas, em que o verbo aparece na primeira posição absoluta (contextos V1); e (ii) orações finitas não dependentes, principais e primeiras coordenadas, em que o verbo é antecedido por advérbio, locução adverbial, sujeito, sintagma preposicional, sintagma interrogativo, vocativo, oração ou argumento topicalizado.

Os objetivos que almejamos alcançar com a pesquisa, consubstanciados neste trabalho, são: (1) apresentar o banco de dados, por nós organizado, que é constituído de textos escritos por autores nascidos no estado do RN, com vistas à disponibilização de fonte de estudo sobre a(s) variedade(s) sociolinguística(s) encontradas na escrita norte-rio-grandense; e (2)

descrever e analisar os padrões empíricos de colocação de clíticos em contextos V1 e XV nos textos selecionados. Para tanto, consideramos a os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e adotamos conceitos introduzidos pela teoria dos Princípios e Parâmetros, idealizada por Chomsky (1981, 1986).

## 2. Corpus

Conforme já mencionado anteriormente, o corpus da pesquisa é constituído de dez peças teatrais escritas por autores norte-rio-grandenses nascidos nos século 19 e 20, sendo metade delas escritas por autores do século 19 e a outra metade escrita por autores nascidos no século 20. A escolha do gênero textual “peça teatral” justifica-se pelo fato de a escrita, nesse gênero, aproximar-se da oralidade. Fazem parte do *corpus* os seguintes textos: de autores nascidos no século 19: *Providência* (1904), *Brasileiros e Portugueses* (1905) e *A Louca da montanha* (1906), de Manuel Segundo Wanderley (1860-1909); *A mortalha de rosas* (1927) de Ezequiel Wanderley (1872-1933); *Pelas Grades* (2008), de Jorge Fernandes de Oliveira (1887-1953); de autores nascidos no século 20: *Consolação* (1967) e *7 de setembro* (1967), de Afonso Bezerra (1907-1930); *A Pedra do Navio* (1979), de João Denys Araújo Leite (1957-); *As Velhas* (2007), de Maria De Lourdes Nunes Ramalho (1923-); e *Chico Cobra e Lazarino* (2007), de Racine Santos (1948-).

## 3 Fundamentos teóricos

Conforme já salientado anteriormente, diversos trabalhos vêm sendo realizados no Brasil com o intuito de elucidar e sistematizar os conhecimentos acerca da variação linguística, especialmente com vistas a explicitar a formação do Português Brasileiro. Nesse sentido, algumas considerações se fazem necessárias, uma vez que servem de fundamentação teórica da pesquisa que estamos desenvolvendo.

Os primeiros pressupostos sobre os quais se assentam este trabalho são exatamente os da teoria da variação e mudança linguística, de Weinreich, Labov e Herzog (1968), (WLH, doravante). Para os mencionados autores, considerando que o lugar da mudança linguística é a comunidade de fala (o grupo social), os fatores linguísticos e sociais estão fortemente correlacionados no desenvolvimento da mudança linguística. WLH sugerem um modelo de língua que acomoda os fatos de uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos, o qual não só leva a descrições mais adequadas da competência linguística como naturalmente suscita uma fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística que ultrapassa os paradoxos estéreis contra os quais a linguística histórica tem se debatido por mais de meio século.

Tratando do tema, Tarallo (2007) afirma que a variação não é aleatória e caótica. Pelo contrário, se mostra como um acontecimento motivado, tanto por fatores linguísticos (estruturais) quanto extralinguísticos (sociais). Para Tarallo,

heterogeneidade lingüística basicamente se configura como um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa (chamadas de ‘variantes lingüísticas’) se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência, ou, mais fatalisticamente, em um combate sangrento de morte. (TARALLO, 2007, p.05)

Importa ressaltar que o “duelo” do qual fala Tarallo (2007) não é um jogo sem normas, uma espécie de vale-tudo. Pelo contrário, se submete a regras, condicionantes, fatores internos e externos à língua.

Nesse contexto é que entra a sociolinguística, que, no dizer de Cezario e Votre (2008, p.141), nasce da aceitação da ideia de que não é possível estudar a língua como um sistema autônomo e abstrato, isolado do contexto social em que é produzido. É, portanto, a sociolinguística uma ciência que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística, propondo-se, exatamente, a sistematizar esses conhecimentos que outrora eram tidos como caóticos.

Feitas as considerações acima, necessário se faz explicitar alguns estudos que têm sido empreendidos em relação aos pronomes clíticos e à sintaxe de colocação desses pronomes em português. Galves e Abaurre (2002), por exemplo, que tomam como base os dados do corpus do Projeto da Gramática do Português Falado, afirmam que tende a desaparecer no PB o clítico puramente acusativo (o/a), em virtude de sua natureza fonológica fraca e da concorrência das formas alternativas – uso do pronome tônico e objeto nulo. Por ser seu uso adquirido durante a escolarização e, deste modo, integrado ao léxico tardiamente, o seu desaparecimento não é ainda absoluto, mas se consubstancia numa tendência bastante forte. E afirmam ainda as autoras que, quanto ao uso do pronome tônico *você*, esta forma concorre com o uso do clítico na segunda pessoa [*te*], assim como *a gente* concorre com *nos* e *para você* concorre com *lhe*. Todas essas constatações, segundo Galves e Abaurre (2002), permitem afirmar que o paradigma dos clíticos é, assim, praticamente reduzido às formas (*me, te, se, lhe, nos*);

Especificamente em relação à sintaxe de colocação de clíticos, alguns estudos merecem atenção. Lobo (2002), com base em amostra extraída do Projeto NURC<sup>1</sup>, de língua falada, afirma que a regra geral de colocação pronominal no português brasileiro é a próclise, sendo a ênclise favorecida pelo *se* indeterminador e categórica com infinitivo. De acordo ainda com a mencionada autora, algumas constatações são evidentes, como, por exemplo, o fato de a conjunção subordinante não constituir um fator categórico de próclise e o uso da ênclise também poder ser atribuído ao contato com a escrita, sendo extremamente marginal no caso das orações finitas. Para Lobo (2002), a ocorrência da colocação pré-verbal na norma oral culta brasileira não reflete, em sim e por si, padrões vernáculos do PB, sendo reflexo recuperado de uma perda diacrônica através da escolarização. Este fato sociolinguístico é também acompanhado de uma consequência sociolinguística, ou seja, a elevação da colocação pós-verbal à condição de variante de prestígio.

Segundo a autora, os estudos revelam que a ocorrência da colocação pós-verbal do clítico parece ter os seus dias contados mesmo na fala dos brasileiros escolarizados em situação formal de comunicação, fato este que está longe de ser vivenciado por falantes do PE (Português Europeu). O PE, aparentemente, segue a Lei Tobler-Mussafia, segundo a qual os pronomes clíticos não podem ser realizados em posição inicial absoluta da frase devido ao fato de que as palavras não acentuadas (o caso dos clíticos) estabelecem uma dependência fonológica em relação ao primeiro elemento acentuado da frase; isto é, são enclíticos ao primeiro elemento, neles se “apoiando”. Assim, o verbo ocupa sempre a primeira posição e o pronome ocupa a posição pós-verbal, conforme o esquema V-cl (Verbo-clítico). Entretanto, se o verbo está precedido por algum elemento, o clítico apresenta-se enclítico ao elemento que precede o verbo, conforme o esquema X-cl-V (X-clítico-Verbo) (cf. LOBO, 2002, p. 96).

A despeito desses estudos descritivos, gramáticas tradicionais consultadas, especialmente Cunha e Cintra (2008), do Português do Brasil, continuam afirmando que o

<sup>1</sup> Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta.

padrão de colocação de pronomes clíticos é a ênclise, tal qual ocorre no Português Europeu<sup>2</sup>. No que respeita ao padrão de ordenação em contexto V1, em PE, não se admite outra possibilidade de ocorrência senão a ênclise.

Por outro lado, diversos gramáticos do PB, que trabalham na perspectiva descritivista, como Perini (2010) e Castilho (2010), corroborando os estudos de Lobo (2002), Galves & Abaurre (2002), Martins (2007) e Martins & Coelho (2009), afirmam que a próclise é a forma normal padrão de colocação pronominal no português brasileiro, independentemente do contexto analisado.

#### 4. Resultados e análise

Levando em conta os pressupostos teóricos acima expostos e os estudos descritivos em relação aos padrões de colocação dos pronomes clíticos, apresentamos a seguir resultados relacionados às ocorrências de próclise em dez peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no RN. Os resultados dizem respeito à frequência de uso, em percentual, da próclise, obtidos a partir de rodadas com os programas do pacote estatístico GOLDVARB2001 (cf. ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001).

No que diz respeito à recorrência de próclise por século e contexto, observem-se os dados da tabela 1.

TABELA 1. Recorrência de Próclise – por SÉCULO/CONTEXTO, em orações independentes, principais e primeiras coordenadas

Contexto	Século 19	Século 20	TOTAL
V1	1 <sup>3</sup> /229 (< 0,5%)	43/85 (51%)	44/314 (14%)
XV	64/136 (47%)	56/62 (90%)	119/198 (60%)
XXV	12/19 (63%)	12/18 (67%)	24/37 (65%)
<b>TOTAL</b>	<b>76/384 (20%)</b>	<b>111/165 (67%)</b>	<b>187/549 (34%)</b>

Os dados listados a seguir, extraídos da amostra, ilustram os diferentes contextos:

##### Contexto V1

- (1) Lucia – Desculpem-**ME**, senhores. Na escola do sofrimento não nos acostumam ensinar as regras da civilidade. (Manuel Segundo Wanderley, 1860, A Louca da Montanha, 1906, p.02)
- (2) Mariana – **ME** respeite, desaforada. [...] (Maria de Lourdes Nunes Ramalho, 1923, As velhas, 2007, p. 174)

##### Contexto XV

- (3) André – A princípio, revoltei-**ME** contra [...] (Ezequiel Wanderley, 1872, A Mortalha de Rosas, 1916, p. 31)

<sup>2</sup> conforme a gramática de Mira Mateus *et all* (2003)

<sup>3</sup> O único caso de próclise a V1 na amostra do Século 19 se inscreve numa oração coordenada: “André – E verdade [...] esqueceu que ia ser minha e SE jogou ao mundo.” (Ezequiel Wanderley, 1872, A Mortalha de Rosas, 1916, p.31)

- (4) Agente – Já **LHE** somos devedores de tantas finezas... (Manuel Segundo Wanderley, 1860, A Providência, 1904, p.83)

**Contexto XXV**

- (5) Roberto – Não tem que vem. O diabo desta vez desmanchou-**ME** a igreja. (Manuel Segundo Wanderley, 1860, Brasileiros e Portugueses, 1905, p. 76)

No que respeita ao contexto V1, foram registradas na amostra do século 19, 229 ocorrências, sendo que apenas 1 (menos de 0,5%) é de próclise. Observe-se ainda que esse total faz referência às orações principais e primeiras e segundas coordenadas e que o único exemplo de próclise é em uma oração segunda coordenada (cf. nota 3). Esse resultado nos autoriza a dizer que a ênclise é (aparentemente) categórica para esse contexto nos textos de autores nascidos no século 19. Já no século 20, a situação se apresenta de outro modo e temos 85 ocorrências, dentre as quais 43 (51%) são de próclise, o que configura um contexto de maior variação com tendência ao uso da próclise nos textos desse período. Note-se que a recorrência da próclise passa de 0,5% para 51%, do século 19 para o 20, respectivamente.

Relativamente ao contexto XV, a recorrência da próclise passou de 47% (64 de 136 ocorrências), no século 19 – o que já mostra um contexto de variação bem acentuado – para 90% (56 de 62 ocorrências), no século 20, o que mostra claramente a tendência inequívoca ao uso da próclise nesse contexto nesse na escrita brasileira a partir desse período. Nos casos de contextos XXV (em que dois materiais ocorrem antes do verbo, como no exemplo (5) acima), a variação se manteve estável, saindo de 63% de próclise no século 19 (12 ocorrências num total de 19) para 67% no século 20 (12 das 18 ocorrências do fenômeno).

No que diz respeito à recorrência de próclise levando-se em conta os autores, observem-se os dados da tabela 2 e os dados da amostra a seguir.

TABELA 2. Recorrência de Próclise a V1 – por AUTOR, em orações independentes, principais e primeiras coordenadas

Autor/Ano de Nascimento	Ocorrências/Total – %
Manuel Segundo Wanderley (1860)	0/185 – 0%
Ezequiel Wanderley (1872)	1/30 – 3,3%
Jorge Fernandes de Oliveira (1887)	0/14 – 0%
Afonso Bezerra (1907)	0/9 – 0%
Maria de Lourdes Nunes Ramalho (1923)	23/34 – 66%
Racine Santos (1948)	11/24 – 46%
João Denys Araújo Leite (1957)	9/17 – 53%
<b>TOTAL</b>	<b>47/314 – 14%</b>

- (6) André – E verdade [...] esqueceu que ia ser minha e **SE** jogou ao mundo. (Ezequiel Wanderley, 1872, A Mortalha de Rosas, 1916, p.31)
- (7) Lucia – Desculpem-**ME**, senhores. Na escola do sofrimento não nos acostumam ensinar as regras da civilidade. (Manuel Segundo Wanderley, 1860, A Louca da Montanha, 1906, p.02)
- (8) André – A princípio, revoltei-**ME** contra [...] (Ezequiel Wanderley, 1872, A Mortalha de Rosas, 1916, p. 31)
- (9) Agente – Já **LHE** somos devedores de tantas finezas... (Manuel Segundo Wanderley, 1860, A Providência, 1904, p.83)
- (10) Roberto – Não tem que vem. O diabo desta vez desmanchou-**ME** a igreja. (Manuel Segundo Wanderley, 1860, Brasileiros e Portugueses, 1905, p. 76)

- (11) Mariana – **ME** respeite, desaforada. [...] (Maria de Lourdes Nunes Ramalho, 1923, *As velhas*, 2007, p. 174)
- (12) Vina – **ME** ajude, Mariana! Me leve - pelo bem do seu filho! Eu sei por onde se vai - me leve que eu ensino. (Maria de Lourdes Nunes Ramalho, 1923, *As velhas*, 2007, p. 193)
- (13) Lazarino – **ME** comprou o jumento, não pagou e ainda me fez de besta. (Racine Santos, 1948, *Chico Cobra e Lazarino*, 2007, p. 256)

Considerando as orações principais e primeiras coordenadas de todos os dados da amostra (séculos 19 e 20) e levando em conta ainda uma categorização que enfatiza a ocorrência de próclise e ênclise por autor, constatamos que quase não ocorre variação nos textos dos autores nascidos no século 19. Todos eles fazem uso apenas da ênclise. Somente no exemplo (6) é que temos um caso de próclise, mas, como já registrado anteriormente, se dá em contexto de primeira coordenada, o que, não apresenta uma inovação na história do português.

Por outro lado, considerando apenas os autores nascidos no século 20, a recorrência da próclise é bastante reveladora do contexto de variação. Note-se que a autora Maria de Lourdes Nunes Ramalho (1923) recorre à próclise em 66% dos casos (23 de 34 ocorrências); Racine Santos (1948) o faz em 46% das situações (11 de 24 ocorrências); e João Denys Araújo Leite (1957) utiliza a próclise em 53% dos casos (9 de 17 ocorrências). Isso aponta para um contexto de variação que se acentua no século 20, com tendência ao uso de próclise, em contraposição a um contexto conservador do século 19, em que a ênclise ocorria quase categoricamente.

No que diz respeito à recorrência de próclise levando-se em conta o contexto XV e a natureza do X que antecede imediatamente o verbo, observem-se os dados da tabela 3 e os dados que seguem.

TABELA 3. Recorrência de Próclise em XV – por NATUREZA DO CONSTITUINTE X QUE ANTECEDE IMEDIATAMENTE O VERBO, em orações independentes, principais e primeiras coordenadas

Natureza de X	<u>X</u> cIV	<u>XX</u> cIV
<b>Vocativo</b>	4/17 (24%)	0/2 (0%)
<b>Sintagma Interrogativo</b>	10/10 (100%)	Sem Dados
<b>Oração</b>	0/8 (0%)	0/1 (0%)
<b>Sujeito</b>	87/126 (69%)	17/23 (74%)
<b>Sintagma Preposicional</b>	3/9 (33%)	1/2 (50%)
<b>Argumento Topicalizado</b>	0/1 (0%)	Sem Dados
<b>Advérbio<sup>4</sup></b>	15/25 (60%)	6/9 (67%)
<b>Locução Adverbial</b>	1/2 (50%)	Sem Dados
<b>TOTAL</b>	<b>119/198 (60%)</b>	<b>24/37 (65%)</b>

<sup>4</sup> Os advérbios focalizadores *SÓ* e *APENAS*, além dos de localização temporal não dêiticos *JAMAIS*, *NUNCA* e *SEMPRE*, não foram considerados na análise.



- (14) Albina – Senhora princesa **ME** desculpe a casa desarrumada; [...] (João Denys Araújo Leite, 1957, A Pedra do Navio, 1979, p. 38)
- (15) Cabo – Que **LHES** dizia eu, camaradas? Manhamos a freguez com a bôcca na botija. Esteja preso e não estrebuche que nem o diabo lhe pode dar jeito. (Manuel Segundo Wanderley, 1860, A Louca da Montanha, 1906, p.24)
- (16) D. Leonor – Esposa de Roberto Nunes! Nunca! Esquecer a memória de Fernando! Impossível! O implacável abismo que serviu de túmulo ao eleito de meu coração será também tálamo nupcial. A natureza **ME** emprestará as suas pompas para celebrar os meus esponsais. [...] (Manuel Segundo Wanderley, 1860, Brasileiros e Portugueses, 1905, p.73)
- (17) Roberto – Em tempo **ME** pagarás. (Manuel Segundo Wanderley, 1860, Brasileiros e Portugueses, 1905, p.53)
- (18) Agente – Já **LHE** somos devedores de tantas finezas... (Manuel Segundo Wanderley, 1860, A Providência, 1904, p.83)
- (19) Biá - Mas você não tem mais ninguém. Eu sim, é que não posso. Aquelas duas lá, nestes dias **ME** botam pra fora da casa. Mas vocês não têm mais nada. (João Denys Araújo Leite, 1957, A Pedra do Navio, 1979, p. 43)

Conforme se pode notar, a variação ocorre nos contextos em que X é realizado por vocativo, sujeito, sintagma preposicional, advérbio e locução adverbial. Nos casos em que é realizado por sintagma interrogativo, oração e argumento topicalizado, conforme se vê acima, não há variação. No primeiro caso, a próclise é categórica (10 ocorrências do total 10); já nos dois últimos, a ênclise é categórica (9 ocorrências num total de 9). Importa registrar que, no geral, existe um contexto de variação com predominância do uso da próclise. Note-se que, no contexto **XclV**, são 119 casos de próclise num total de 198 dados coletados (60% do total); e no caso do contexto **XXclV**, são 24 casos de próclise num universo de 37 ocorrências do fenômeno pesquisado, o que equivale a 65% do total.

## 5. Considerações finais

Como já elucidado anteriormente, Lobo (2002), Galves e Abaurre (2002), Martins (2009) e Perini (2010) sustentam que a próclise é a opção generalizada na gramática do Português Brasileiro, independentemente do contexto sintático em análise. No entanto, é preciso frisar que, devido a inúmeros fatores – como, por exemplo, letramento e escolarização com base numa gramática que não reflete os padrões do PB; estigmatização de certas variantes; e eleição de variantes de prestígio que mais refletem a gramática do Português Europeu – os falantes sofrem uma “pressão social” para fazer uso de determinadas variantes, o que acaba por gerar um rico contexto de variação. Nesse sentido, os resultados obtidos com esta pesquisa mostram que a escrita de autores norte-rio-grandenses nascidos no curso dos séculos 19 e 20 revela padrões empíricos bem diversificados. Se compararmos a evolução da recorrência de próclise, considerando os contextos V1, XV e XXV nos mencionados períodos históricos, veremos que há um aumento de 20% para 67%, do século 19 para o 20. Considerando apenas o contexto V1, a diferença se evidencia ainda mais (vai de menos de 0,5% de uso de próclise no século 19 para 51% no século 20).

Isso posto, conclui-se que o padrão de colocação de clíticos em português, nos contextos observados, vem sofrendo variação e mudança, passando da predominância da ênclise, no século 19 (reflexo da gramática do PE), para a predominância da próclise, a partir do século 20, uma inovação gramatical do PB.

## Referências

- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico**. Campinas, SP: [s.n.], 2005.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; MARTINS, Marco Antonio. A diacronia em construções xv na escrita catarinense. **Fórum Linguístico**. Florianópolis, v.6, n.1 (73-90), jan-jun, 2009.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- GALVES, Charlotte; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, Ataliba, T. de. *et al.* (orgs.). **Gramática do português falado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- LOBO, Tânia. A sintaxe dos clíticos: o século XVI, o século XX e a constituição da norma padrão. In: MATOS E SILVA, Rosa Virginia; Machado filho, Américo Venâncio Lopes (orgs.). **O português quinhentista: Estudos linguísticos**. Salvador: EDUFBA, 2002.
- MARTINS, Marco Antonio. Clíticos em complexos verbais em português. **Veredas Online**. 2010. PPG LINGÜÍSTICA/UFJF. Juiz de Fora.
- \_\_\_\_\_. Clíticos e sujeitos pré-verbais: gramáticas do português no Brasil dos séculos 19 e 20. **Cadernos de pesquisa em linguística** (PUCRS), v. 3, p. 62-72, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20**. Tese de Doutorado, Programa de pós-graduação em Linguística/UFSC, 2009.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et all.* **Gramática da Língua Portuguesa**, Lisboa: Caminho, 2003.
- PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial. 2010.
- TARALLO, Fernando. **Pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo. Parábola: 2006.